



Considerando a orografia da freguesia de Alvares, como se deveria fazer para ter manto florestal diverso, preservando os cursos de água e protegendo as aldeias contra incêndios?

A freguesia de Alvares (Góis) tem características muito próprias: relevo acidentado, vales profundos, numerosas linhas de água, solos maioritariamente xistosos, baixa densidade populacional e um histórico de grandes incêndios. Nestas condições, a estratégia mais eficaz não passa por substituir uma espécie por outra, mas por reorganizar a paisagem para aumentar a sua resiliência.

Um modelo integrado poderia assentar em cinco componentes.

1. Galerias ripícolas como eixo principal

Os cursos de água devem ser a espinha dorsal da paisagem.

Ao longo das ribeiras e linhas de água:

- conservar e recuperar amieiros, freixos, salgueiros e choupos autóctones;
- criar corredores contínuos de vegetação natural;
- impedir plantações intensivas de eucalipto ou pinheiro junto às margens;
- criar pequenas zonas húmidas onde a topografia o permita.

Estes corredores:

- reduzem a velocidade do fogo;
- melhoram a qualidade da água;
- aumentam a biodiversidade;
- funcionam como refúgios para fauna.

2. Mosaico florestal nas encostas

Em vez de grandes manchas contínuas da mesma espécie, dividir a paisagem em parcelas.

Por exemplo:

- carvalho-negral;
- sobreiro nas zonas mais quentes;
- castanheiro em locais favoráveis;
- medronheiro;
- pinheiro-bravo apenas onde seja adequado;
- eucalipto limitado às áreas com melhor aptidão e boa gestão.



Entre estas parcelas poderiam existir:

- prados;
- zonas agrícolas;
- pomares;
- pastagens.

Este mosaico dificulta a propagação dos incêndios.

3. Cinturões de proteção das aldeias

Cada aldeia deveria ter uma faixa envolvente de baixa inflamabilidade.

Nessa faixa poderiam existir:

- hortas;
- olivais;
- soutos;
- árvores de fruto;
- pastagens permanentes;
- espaços de recreio.

Estas áreas seriam geridas regularmente e poderiam integrar pequenas comunidades de energia, utilizando a receita da produção elétrica para financiar a manutenção.

4. Gestão das cumeadas

As cumeadas são frequentemente os locais onde o fogo ganha maior intensidade.

Nelas faria sentido:

- instalar aceiros verdes;
- criar zonas de pastoreio;
- plantar espécies mais resistentes ao fogo;
- manter caminhos acessíveis para combate.

5. Gestão económica permanente

A paisagem só será sustentável se gerar rendimento.

Em Alvares isso pode resultar da combinação de:

- madeira de qualidade;
- castanha;
- medronho;
- mel;



- cogumelos;
- pastoreio;
- créditos de carbono;
- turismo de natureza;
- comunidades de energia em terrenos adequados.

Um modelo para Alvares

Considerando o conhecimento existente sobre a freguesia, eu procuraria uma distribuição aproximada como esta:

- 25–30% de floresta autóctone (carvalhos, castanheiros e outras folhosas);
- 20–25% de galerias ripícolas e corredores ecológicos;
- 25–30% de floresta de produção (pinheiro e eucalipto cuidadosamente localizados e geridos);
- 15–20% de mosaico agrícola, pastagens e áreas abertas junto das aldeias.

Este modelo reduz a continuidade do combustível, protege os recursos hídricos e mantém atividade económica.

Uma oportunidade para Alvares

Penso que Alvares reúne condições para se tornar um projeto-piloto nacional de paisagem resiliente ao fogo. A freguesia tem dimensão suficiente, sofreu incêndios de grande impacto e possui uma rede extensa de baldios, ZIF e associações locais, o que facilita uma gestão coordenada.

Um plano desta natureza poderia integrar:

- ordenamento florestal;
- proteção dos recursos hídricos;
- comunidades de energia renovável;
- valorização dos baldios;
- prevenção estrutural de incêndios;
- criação de rendimento para os proprietários e compartes.

Seria um projeto que conjugaria conservação da natureza, proteção das populações e desenvolvimento económico, em vez de tratar cada um destes objetivos de forma isolada.

Roda Cimeira, 26 de Julho de 2026

Vila Nova de Poiares

Arganil

Lousã

Pampilhosa da Serra

Castanheira de Pêra

Pedrógão Grande

